

MODA E DECOLONIALIDADE: VESTUÁRIO, ESTÉTICA E O CORPO NEGRO COMO TERRITÓRIO DE DISPUTA SIMBÓLICA NA COLEÇÃO “COR DE PELE” DE DENDEZEIRO

Fashion and decoloniality: clothing, aesthetics and the black body as a territory of symbolic dispute in Dendezeiro's “Cor de Pele” collection

Santos, Raissa Moraes; Universidade Federal do Ceará, raissamoraes@alu.ufc.br¹
Ferreira, Rafael Ribeiro; PhD; Universidade Federal do Ceará, rafaelribeiroferreirafl@gmail.com²

Resumo: O artigo investiga como o vestuário e a estética operam como territórios de disputa simbólica no contexto da colonialidade, com foco na coleção “Cor de Pele”, da marca Dendezeiro. A pesquisa articula teorias da moda como linguagem, colonialidade, estética negra e reexistência, combinando revisão bibliográfica e análise semiótica de três looks apresentados na 55ª edição do São Paulo Fashion Week. A coleção reposiciona o corpo negro como sujeito enunciativo na moda, ao valorizar diferentes tonalidades de pele, traços e texturas corporais

Palavras chave: moda decolonial; estética negra; corpo negro.

Abstract: This article investigates how clothing and aesthetics function as symbolic arenas of dispute within the context of coloniality, focusing on the “Cor de Pele” collection by the brand Dendezeiro. The research draws from theories of fashion as language, coloniality, Black aesthetics, and reexistence, combining bibliographic review and semiotic analysis of three looks presented at the 55th edition of São Paulo Fashion Week. The collection repositions the Black body as a subject in fashion discourse by highlighting various skin tones, features, and bodily textures.

Keywords: decolonial fashion; Black aesthetics; Black body.

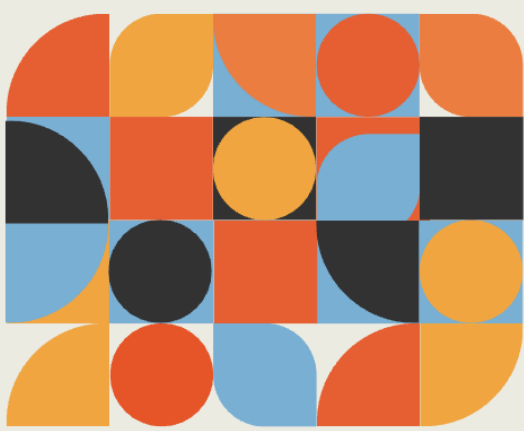
Introdução

A moda, enquanto sistema de significação visual e cultural, ocupa um papel na construção e manutenção de regimes de poder e representação. Historicamente, o vestuário e a estética foram utilizados como ferramentas de controle social, de imposição de normas e de definição de valores culturais, contribuindo para hierarquizar identidades. Nesse contexto, o corpo negro, atravessado por marcadores raciais e de gênero, tornou-se um território de disputa simbólica: ora controlado e silenciado, ora apropriado e exótico, ora ressignificado como ferramenta de resistência e reexistência. A partir da perspectiva decolonial, torna-se possível tensionar essas camadas históricas e analisar como a moda pode operar também como campo contra-hegemônico.

¹ Graduanda em Design-Moda pela UFC.

² Doutor em Música pela University of Missouri Kansas City, mestre em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduado em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-graduado em performance pela University of Wyoming.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

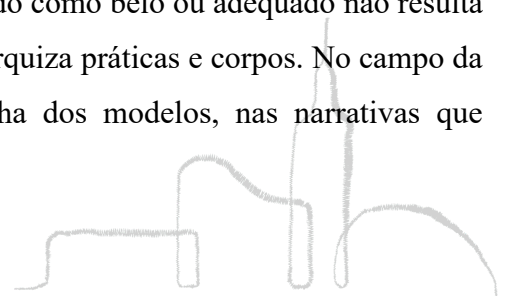
A partir de autores como bell hooks (2019), que aponta o olhar como lugar de resistência dos corpos negros frente ao desejo colonizador, Grada Kilomba (2019), que denuncia o silenciamento epistêmico da branquitude na nomeação das subjetividades negras, e Frantz Fanon (2008), que discute os efeitos da colonialidade sobre o corpo racializado, esta pesquisa busca investigar como a coleção “Cor de Pele” mobiliza signos estéticos e discursivos para reconfigurar o corpo negro como sujeito de linguagem na moda. Além disso, autores como Lélia Gonzalez (1984), Sueli Carneiro (2023) contribuem para pensar o corpo negro como território político e histórico, cuja visualidade é constantemente negociada no campo simbólico da moda.

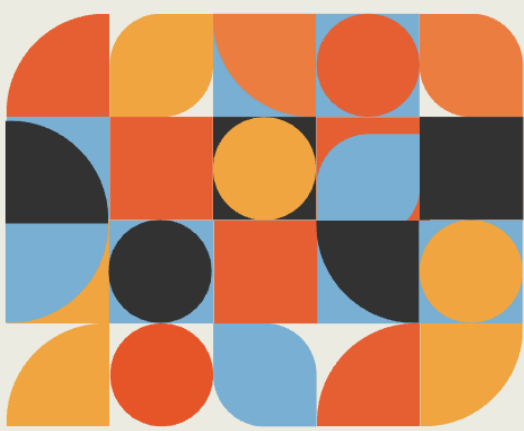
Moda como linguagem e disputa simbólica

A moda organiza signos por meio de códigos visuais, estabelecendo formas de comunicação social que operam na superfície dos corpos. Ao ser sistematizada como linguagem, ela permite não apenas o compartilhamento de significados, mas também a consolidação de estruturas simbólicas que atuam na produção e distinção de sujeitos. Barthes (2006), ao propor a moda como sistema semiótico, compreende que a roupa não carrega valor apenas por sua funcionalidade, mas por sua capacidade de produzir discurso. A indumentária, nesse sentido, se inscreve na cultura como texto, sendo traduzida e interpretada dentro de um campo de regras que estabelece aquilo que pode ser visto, dito e reconhecido como válido.

Essa dimensão discursiva da moda não se isola das relações de poder que atravessam os corpos. Lipovetsky (1989), ao tratar da moda enquanto linguagem social, observa que seu funcionamento depende de um jogo entre diferenciação e conformidade. Esse jogo produz e regula os modos de existência ao associar determinadas aparências a expectativas culturais, morais e econômicas. Ainda que apresente margem de expressão, a moda opera sob limites que definem quais identidades são incluídas ou excluídas dos espaços de representação.

A relação entre moda e poder se expressa de forma mais evidente quando se considera a organização social do gosto. Bourdieu (2007) mostra que o julgamento estético é mediado por disposições incorporadas, construídas por trajetórias de classe, raça e gênero. Aquilo que é percebido como belo ou adequado não resulta de uma sensibilidade universal, mas de uma estrutura simbólica que hierarquiza práticas e corpos. No campo da moda, essa hierarquia é visível na definição das tendências, na escolha dos modelos, nas narrativas que





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sustentam as coleções e nas imagens que circulam como referência. A construção do gosto, portanto, contribui para legitimar desigualdades por meio de critérios estéticos que naturalizam relações de dominação.

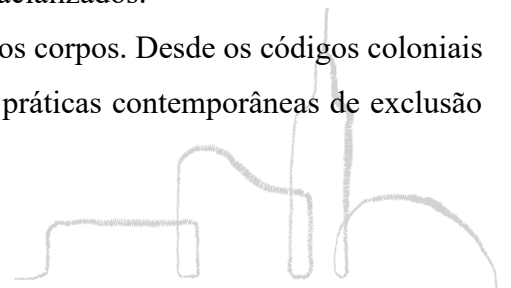
A estética, assim compreendida, ultrapassa a dimensão sensível. Ela opera como tecnologia política que estrutura a visibilidade social. Quando determinados modos de vestir são autorizados e outros marginalizados, quando certos corpos se tornam modelos de elegibilidade estética e outros são lidos como desvios ou excesso, a estética participa da regulação dos modos de existir. Essa operação é histórica e está associada à formação de regimes coloniais de percepção. Kilomba (2019) e hooks (2019) indicam que o olhar colonial não apenas exclui, mas também captura os corpos racializados, projetando sobre eles narrativas de dominação que transformam a estética em instrumento de controle. Assim, o vestir se torna campo no qual a colonialidade se manifesta por meio da normatização da aparência e da imposição de modelos eurocentrados como universais.

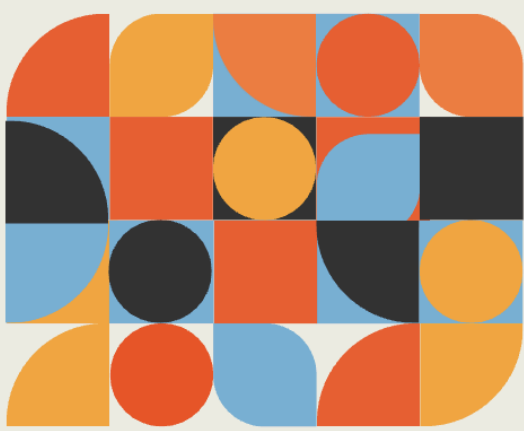
Colonialidade, corpo e vestuário: a construção racializada da moda

A colonialidade, como continuidade lógica do colonialismo para além da ocupação territorial, estabelece um sistema de hierarquização das subjetividades e dos saberes. Quijano (2005) define esse processo como “colonialidade do poder”, um padrão global que articula dominação racial, exploração econômica e imposição epistêmica. A aparência dos corpos, sua linguagem visual e suas práticas estéticas passam a ser organizadas a partir de parâmetros eurocentrados, que definem o que pode ser reconhecido como legítimo.

No campo da moda, essa lógica se expressa na produção de um imaginário hegemônico que elege a branquitude como modelo de beleza, neutralidade e elegância. Os corpos negros, por sua vez, são inscritos em discursos que os posicionam como exóticos, hipersexualizados, marginais ou folclóricos. A negação da multiplicidade estética dos povos negros se articula à sua negação epistêmica: não apenas seus corpos são regulados, mas também suas formas de produzir conhecimento e significar o mundo são sistematicamente silenciadas. Grada Kilomba (2019) aponta que esse apagamento é parte de uma estrutura que se sustenta pela violência do não reconhecimento. A imposição de um ideal estético europeu não se limita a uma questão de gosto, mas constitui uma forma de controle sobre os modos de existência racializados.

O vestuário, nesse contexto, atua como dispositivo disciplinador dos corpos. Desde os códigos coloniais de vestimenta, utilizados para distinguir senhores de escravizados, até as práticas contemporâneas de exclusão





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

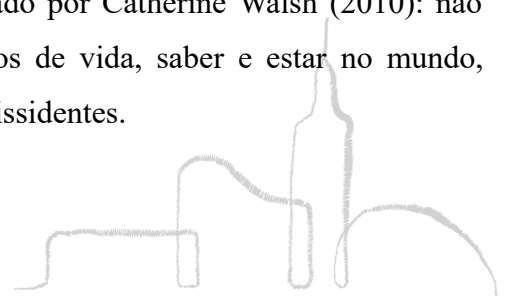
nos circuitos de moda de luxo, a roupa participa da codificação racial. Fanon (2008) observa que o corpo negro colonizado é constantemente capturado pelo olhar do outro, o que produz uma relação alienante entre o sujeito e sua imagem. O modo como o corpo é vestido e percebido torna-se, assim, uma arena de conflito entre a autoimagem e a representação social.

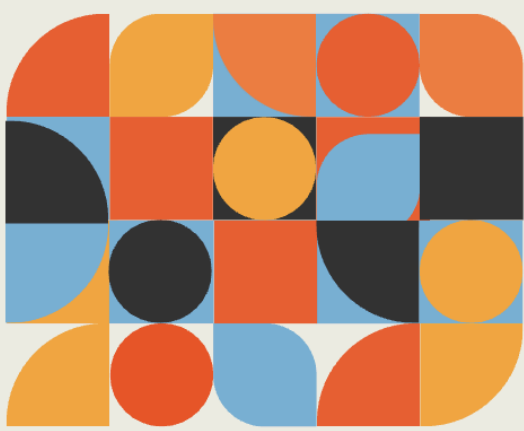
Além disso, a colonialidade opera pela construção do corpo negro como “outro”, um corpo constantemente deslocado da centralidade discursiva. Como observa Sueli Carneiro (2023), a branquitude ocupa o lugar da norma silenciosa, enquanto os corpos negros são posicionados como diferença visível, cuja presença precisa ser justificada ou estetizada para ser aceita. Essa lógica, ao mesmo tempo que inferioriza, permite apropriações seletivas de signos associados às culturas negras, que muitas vezes são esvaziadas de seus significados originários. A estetização dissociada da experiência histórica do povo negro transforma elementos de resistência em ornamento, reproduzindo uma economia simbólica que lucra com a diferença sem redistribuir poder.

Nesse sentido, a moda funciona como campo em que se expressa a colonialidade no ver e no vestir. A imagem, os tecidos e os corpos são mobilizados para afirmar ou contestar os limites do pertencimento. Lélia Gonzalez (1984), ao articular raça, gênero e cultura, indica que a dimensão estética da vida cotidiana é atravessada por relações de poder e que os signos culturais negros carregam historicidade e agência. A indumentária, portanto, não é apenas suporte da opressão, mas também espaço de formulação de outras possibilidades de existência.

Estética negra e moda decolonial como reexistência

Se a moda foi historicamente instrumentalizada como mecanismo de dominação e exclusão, ela também pode operar como campo de reinvenção das subjetividades e de articulação política. A estética negra, ao se afirmar como produção situada e enraizada em experiências coletivas e memórias ancestrais, desloca os limites impostos pela colonialidade e reivindica novos regimes de visibilidade. Mais do que uma resposta à marginalização, ela emerge como prática de reexistência, no sentido dado por Catherine Walsh (2010): não apenas resistência ao apagamento, mas produção ativa de outros modos de vida, saber e estar no mundo, ancorados nas epistemologias negras e na potência simbólica dos corpos dissidentes.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

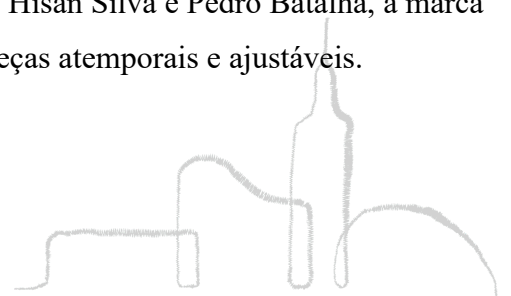
Grada Kilomba (2019) propõe que a colonialidade do saber opera por meio da desautorização das vozes negras e da epistemologia que as sustenta. A reexistência, nesse sentido, não se reduz à ocupação de espaços já instituídos, mas implica a criação de novas formas de narrar o mundo, em que os sujeitos negros deixem de ser objetos da linguagem alheia para se constituírem como sujeitos enunciadorees. A estética, nesse processo, adquire potência política: vestir-se torna-se gesto discursivo, afirmar a visualidade negra é disputar o imaginário, produzir moda é inscrever memória e identidade na superfície dos corpos.

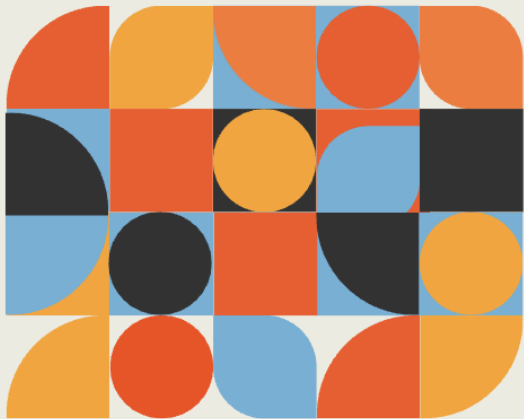
A moda decolonial surge como articulação dessas forças. Ela não se organiza a partir de tendências mercadológicas, mas de urgências políticas e afetivas. A produção de moda realizada por criadores negros que se reconhecem em seus territórios, corpos e histórias não apenas ressignifica materiais, cores e formas, mas também convoca outros modos de estar no tempo e no espaço. Como destaca Kilomba (2019), o ato de narrar e representar-se a partir de uma posição historicamente silenciada constitui um gesto de ruptura com a normatividade colonial. Ao romper com a lógica eurocentrada que hierarquiza saberes e estéticas, a moda decolonial atua como contra-narrativa, nos termos de Hall (2003), que desloca o olhar, desestabiliza as normas e propõe novas gramáticas visuais enraizadas em outras epistemologias.

No Brasil, o fortalecimento de marcas e coletivos de moda fundados por estilistas negros tem reconfigurado o debate sobre representação e autoria. A exemplo da Dendezeiro, mas também de nomes como Isaac Silva, Meninos Rei, Ateliê Mão de Mãe, Naya Violeta, é possível identificar um movimento que se afasta das lógicas de exotização ou apropriação para se concentrar na afirmação de uma estética comprometida com a experiência negra em sua complexidade. Esses projetos não reivindicam inclusão simbólica dentro dos padrões dominantes, mas produzem deslocamentos estruturais na forma como a moda é pensada, feita e exibida.

Análise da coleção “Cor de Pele” de Dendezeiro

A coleção "Cor de Pele" de Dendezeiro, apresentada no São Paulo Fashion Week (SPFW), emerge como uma reinterpretação contemporânea da moda que se afasta dos padrões hegemônicos e propõe uma celebração da diversidade racial, de corpos e estéticas. Criada pelos designers baianos Hisan Silva e Pedro Batalha, a marca se destaca pela proposta de uma moda inclusiva e agênero, apresentando peças atemporais e ajustáveis.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Por meio da adoção de uma paleta baseada em tonalidades que vão do bege claro ao marrom profundo, a coleção propõe uma narrativa que subverte a nomenclatura tradicional “cor de pele”, historicamente associada à normatividade branca, e reafirma a pluralidade das subjetividades negras. Essa ressignificação dialoga com as perspectivas de Hall (2003) e hooks (2019), que identificam na representação visual um espaço de disputa entre dominação e resistência. O look da Figura 1, representado por um vestido que incorpora a imagem de um tom pardo claro com vitiligo, evidencia-se uma proposta de visibilidade para condições muitas vezes marginalizadas nos discursos estéticos tradicionais e de reafirmação enquanto inscrição legítima da experiência corpórea.

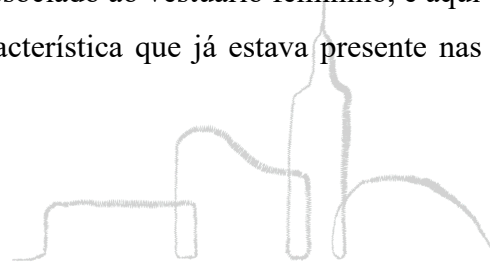
Figura 1. Look 2 - Dendezeiro SPFW N55



Fonte: <https://spfw.com.br/desfile/dendezeiro-3/>

Essa escolha ressoa com a crítica de Fanon (2008), que aponta os mecanismos de captura do olhar colonial sobre o corpo negro, mas que, na proposta da Dendezeiro, opera como meio de reconquista de uma identidade que se desliga das imposições epistêmicas tradicionais. Assim, o look reforça a tese de que o vestuário pode transpor a lógica do silenciamento, transformando marcas corporais em sinais de resistência e subversão.

O segundo look analisado (Figura 2), composto por um conjunto que reúne corset e calça em couro de tom escuro, destaca uma estética que dialoga com os processos de contenção e potencialização dos corpos. Esse look traz à tona a presença de um corpo masculino, mas que se distancia dos modelos tradicionais de representação do corpo masculino na moda. O corset, tradicionalmente associado ao vestuário feminino, é aqui ressignificado e usado para subverter a dicotomia entre os gêneros, característica que já estava presente nas primeiras coleções da marca.



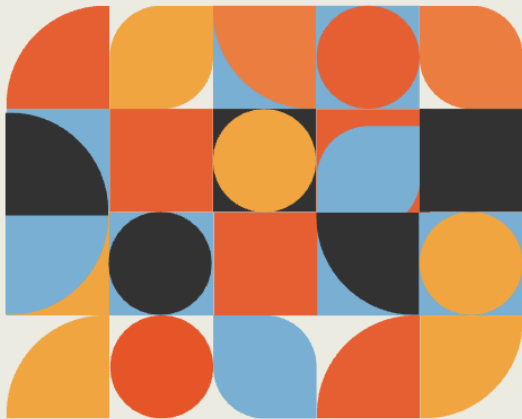


Figura 2. Look 27 - Dendezeiro SPFW N55



Fonte: <https://spfw.com.br/desfile/dendezeiro-3/>

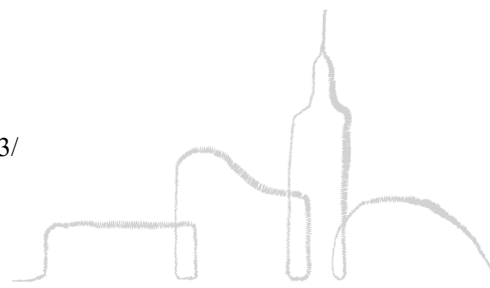
A moda atua como um campo de disputa simbólica onde as representações culturais de gênero e identidade são constantemente renegociadas. O uso do corset, portanto, estabelece uma inversão das normas de gênero, reforçando a ideia de que a moda pode ser uma ferramenta de resistência, capaz de transformar e subverter padrões. A combinação de elementos utilitários com uma estética de streetwear reforça ainda a dimensão política e decolonial da coleção, em que o vestir se configura como gesto de emancipação contra os dogmas estabelecidos.

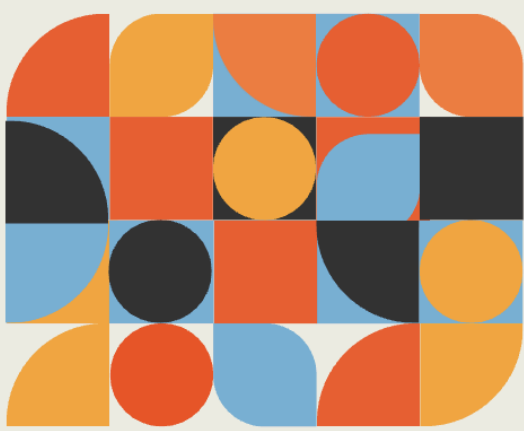
O look da Figura 3, composto por uma saia de tapeçaria que traz a reprodução de rostos de pessoas negras, conclui a narrativa visual da coleção a partir da valorização da memória coletiva e da ancestralidade. A utilização da tapeçaria, técnica artesanal, dialoga com o pensamento de Kilomba (2019), para quem o processo de ressignificação das experiências negras demanda a ruptura com os discursos de exclusão.

Figura 3. Look 34 - Dendezeiro SPFW N55



Fonte: <https://spfw.com.br/desfile/dendezeiro-3/>





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

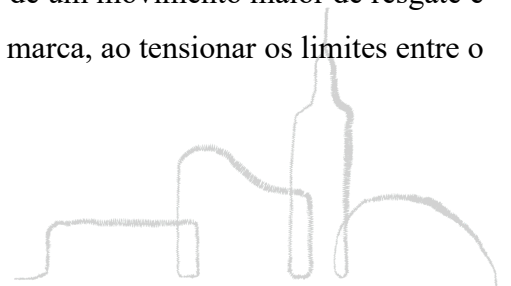
Os rostos confeccionados no tecido atuam como inscrições que resgatam identidades historicamente silenciadas e apresentam o corpo negro não como objeto de exaltação exotizante, mas como sujeito produtor de seu próprio discurso visual. Essa leitura encontra respaldo também na perspectiva de Lélia Gonzalez (1984), que defende a importância de reconhecer a pluralidade e a riqueza das expressões culturais negras como elementos fundamentais para a construção de identidades mais inclusivas.

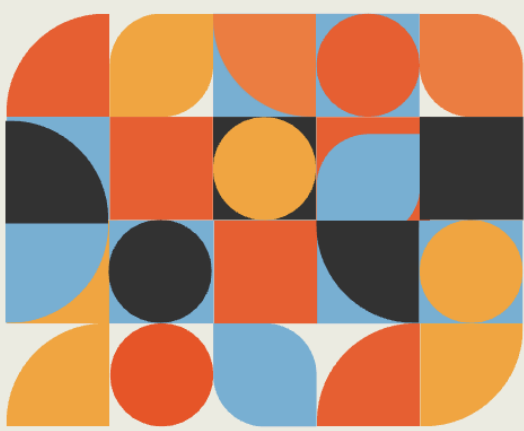
Em cada uma das peças, a Dendezeiro propõe uma articulação entre o vestuário e a construção dos sentidos, na qual as escolhas materiais e cromáticas expressam a tensão histórica entre a imposição da colonialidade e a possibilidade de reconfiguração pela moda decolonial. Os looks analisados evidenciam a transformação do vestuário em meio de resistência e reexistência, funcionando como manifestações visuais de uma estética que, ao desestabilizar o discurso tradicional da moda, propõe novas formas de visibilidade e de afirmação dos corpos negros. Essa abordagem teórica e prática reafirma a relevância da coleção “Cor de Pele” para os debates contemporâneos sobre representação, identidade e poder no campo da moda.

Considerações Finais

A análise da coleção “Cor de Pele”, da marca Dendezeiro, permitiu compreender como a moda pode operar como um território de disputa simbólica, em especial quando articulada a perspectivas decoloniais e antirracistas. Ao eleger a pele negra como elemento central da construção estética, a coleção desafia a normatividade eurocêntrica historicamente imposta pela indústria da moda e inscreve os corpos negros como protagonistas de suas próprias narrativas visuais.

Nesse contexto, o vestuário deixa de ser apenas superfície de ornamento para tornar-se veículo político, capaz de mobilizar memórias, afetos e resistências. A materialidade das peças, os tons de pele diversos, a valorização de marcas corporais como o vitiligo, os rostos estampados em tapeçaria não apenas constroem uma identidade visual autêntica, mas também instauram rupturas frente aos padrões estéticos hegemônicos. Trata-se de uma moda que comunica, que performa e que se insere no campo da representação como agente de transformação. A coleção não atua de forma isolada, mas sim como parte de um movimento maior de resgate e revalorização das epistemologias negras no campo da criação de moda. A marca, ao tensionar os limites entre o





estético e o político, contribui para a ampliação do imaginário sobre o corpo negro, retirando-o da condição de subalternidade e reinscrevendo-o como potência criadora.

Assim, a coleção “Cor de Pele” se insere no panorama da moda autoral brasileira como um exemplo contundente de como o vestir pode ser pensado não apenas como consumo ou tendência, mas como linguagem, gesto político e ferramenta de reexistência frente às heranças coloniais ainda persistentes nos modos de produzir, exibir e consumir moda.

Referências

BARTHES, Roland. **O sistema da moda**. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Nacional, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira, Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 273-304.

